



FIGURAS FALANTES: ESCULTURAS DO PERÍODO BURGUEÊS EM ÉVORA (1850-1930)

María Zozaya-Montes

Tradução: Fernando Mendes

Para que serve uma estátua? De que informa? Quem a encomenda e porquê? Estas perguntas surgem quando contemplamos as esculturas existentes em Évora realizadas entre 1860 e 1930. Dessa época, conhecem-se apenas os bustos que hoje estão nos seus jardins, mas ainda podemos descobrir muitas esculturas escondidas na memória das fotografias, nos fundos do Museu Nacional Frei Manuel do Cenáculo, na entrada da Biblioteca Pública, na Câmara Municipal, no Cemitério dos Remédios e nas associações históricas.

Museu Nacional Frei Manuel do Cenáculo, Estefanía Hohenzollern-Simaringen.

Qual a funcionalidade de uma escultura... e onde se coloca?

Atualmente uma escultura aparenta ser um objeto estético, mas outrora cobrava uma elevada dimensão simbólica. Assim, a maioria da população analfabeta aprendia seguindo representações visuais. As esculturas tinham um sentido para o povo porque este conhecia as histórias e lendas dos personagens retratados, pelo que conseguiam mobilizar a multidão. Definitivamente, serviam para exaltar o poder. Essa funcionalidade relaciona-se com as figuras que representavam: até ao ano de 1810 eram personificados os deuses, santos, reis, imperadores e nobres, simbolizando o máximo poder no céu e na terra.

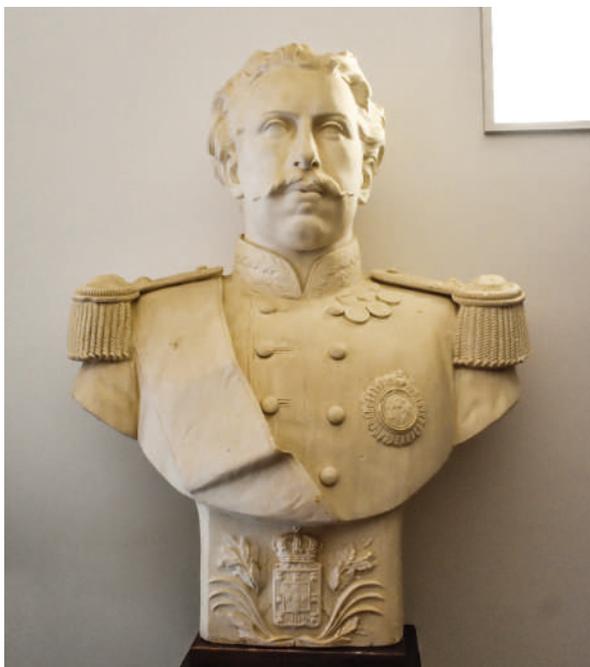
Tanto na Europa como em Portugal, as esculturas expressavam uma vida exemplar de virtudes. As imagens dos santos encarnavam os seus milagres e o seu martírio; as do Mistério, as passagens da Bíblia; e as dos reis representavam o seu governo, o ícone de uma vitória ou a sua gloriosa vida passada.

Antigamente as pessoas contemplavam as estátuas prostradas na igreja, rezando de joelhos ou em procissão solene. Eram erguidas nos espaços que simbolicamente eram considerados mais importantes: nos panteões, praças públicas ou igrejas. Em Évora, até à época contemporânea, para além das incontáveis figuras de santos, nobres mecenas em capelas e sepulturas, construiu-se em prata a escultura do rei Afonso V, que permaneceu no mosteiro do Espinheiro até ser vendida, sem ser conhecido o seu paradeiro.



A tradição: bustos de monarcas em Évora durante o século XIX

Durante o século XIX em Portugal o máximo poder estatal laico estava na casa dos Bragança Sajonia-Coburgo e Gotha. Por isso, nas cidades mais relevantes eram colocadas as suas efígies no centro governamental (paços do concelho, escolas públicas ou câmaras municipais). É lógico que existissem em Évora, e ainda existem... ocultas. A questão que explica porque hoje em dia estes bustos "são invisíveis" remete à capacidade para manifestar o poder. Isto é, da mesma maneira que se colocava uma escultura para exaltar a memória de um governante, essa imagem era eliminada quando o regime mudava, e também simbolicamente a sua representação, substituindo-a por outra efígie. Este fenómeno denomina-se "*damnatio memoriae*", e pode explicar o mecanismo de alterar



Museu Nacional Frei Manuel do Cenáculo, Luís I.

a memória da História, razão pela qual as figuras não estão visíveis. Além disso, explica por que depois do regicídio em 1908, foram agredidas algumas esculturas de alguns monarcas.

Nos depósitos do Museu Nacional Frei Manuel do Cenáculo encontra-se o busto em gesso bronzeado de Estefanía Hohenzollern-Simaringen, que faleceu muito jovem, esposa do monarca Pedro V. Há ainda um exemplar do "Esperançoso", rei desde 1855, realizado em gesso branco com o escudo de armas de Portugal na base. Este tem a cabeça mutilada, o mesmo acontece com o escudo de armas da sua esposa Estefanía, com a base partida ao meio.

Também se preserva o busto de Luís I, rei desde 1861, realizado em gesso branco, igualmente com o escudo de Portugal no pé. As esculturas de D. Pedro e D. Luis, em conjunto com o retrato da sua esposa Maria Pia de Saboia, presidiram simbolicamente à inauguração da Escola Normal de Évora em 1884. Por último, o busto de Carlos I, atribuído a Augusto da Costa Mota (tio) ou a Simões de Almeida (tio), fardado como

general, monarca desde 1889, assassinado no regicídio de 1908, pelo que foi apelidado como "o mártir". Tem uma cor metalizada, e numerosas marcas - realizadas por alguns golpes - deixam à vista que foi construída em gesso.



Museu Nacional Frei Manuel do Cenáculo, Pedro V.

As esculturas do Liberalismo: refletir a meritocracia

Desde 1800, pelas mudanças do Liberalismo político constitucional, os monumentos passaram a representar a "glória" de cidadãos procedentes de grupos sociais em ascensão. Porquê? Desde 1834, o regime parlamentar da monarquia de Dona Maria II implantou medidas que igualavam as pessoas: de vassalo passava-se a cidadão com direitos; acabavam as diferenças na estratificação social, permitindo-se triunfar através do mérito e chegar inclusivamente a nobre.

As esculturas refletiram estas mudanças, legitimando os poderes emergentes, situados nos novos espaços de sociabilidade. Mediante representações humanas naturalistas manifestaram o aparecimento dos estados-nação europeus, ao mesmo tempo que contribuíam para difundir os poderes tradicionais e espelhavam a ascensão da burguesia na esfera pública. Nessa altura, as esculturas eram a melhor forma de propaganda visual. Encarnavam os empreendedores que realizavam tarefas para a comunidade (G. Cinatti), reproduziam modelos de intelectuais promotores da República (coleção Barahona), exaltavam um perfil biográfico ideal de apoio ao povo (F. Barahona). Também serviram para desenvolver a máquina de propaganda do poder na etapa de estabelecimento dos estados-nação, representando os heróis que construíram a ideia da pátria portuguesa (L. Camões, V. Gama).

Com essas características permanecem alheias aos olhos das pessoas várias esculturas em Évora no Museu Nacional Frei Manuel do Cenáculo, em lugares privados (Sociedade Harmonia Eborense – SHE - e Sociedade Operária de Instrução e Recreio Joaquim António de Aguiar – SOIR JAA), ou quase desconhecidos (Dr. Rollo no cemitério, Barahona na Escola de Artes Colégio Mateus d' Aranda). Curiosamente algumas foram realizadas por escultores de renome, como Simões Almeida ou Victor Bastos, assim bem como a peça de Bordalo Pinheiro conservada na Sociedade União Eborense (Bota Rasa). Descubramos quais são e onde se encontram ...



Jardim Público de Évora, Giuseppe Cinatti.

As esculturas do Jardim Público, 1860-1884: Natureza em pedra

As primeiras esculturas que encontramos do século XIX estão no Jardim Público de Évora. Este espaço foi resultado da transformação de uma zona de arvoredo selvagem, onde acampavam grupos nómadas e se instalava uma praça de touros.

Foi um dos espaços transformados pela burguesia, pois foi construído como jardim desde 1863, com o patrocínio do lavrador abastado Dinis Perdigão, e o desenho de Giuseppe Cinatti. Dessa época provavelmente datam as esculturas situadas entre as suas flores, realizadas em cerâmica vidrada e sobre um pedestal neoclássico, ao estilo dos bustos. São duas alegorias da natureza que representam o verão, com um jovem com trigo, e o inverno, com um ancião com barba, decorado com nabos e tapado com um capuz.

O busto mais conhecido do jardim público representa o arquiteto e cenógrafo Giuseppe Cinatti (Siena, 1808 - Lisboa, 1879). Exilado italiano de tendência liberal progressista, deu-se a conhecer pelos seus trabalhos em Lisboa. Realizou cenários no Teatro de São Carlos e das Laranjeiras, entre outros magníficos edifícios de estilo historicista desenhou o palácio de José Maria Eugénio de Almeida, e realizou o palacete do Eborense Dinis Perdigão. Pelo seu trabalho na reforma do jardim público, que fez gratuitamente, com o capricho romântico das ruínas fingidas, foi honrado com uma medalha de ouro. Em 1878, sendo Cinatti encarregado da restauração do Mosteiro dos Jerónimos, uma parte do edifício desabou e foram esmagados 9 operários, tragédia da qual não foi culpado, se bem que a notícia lhe causou uma apoplexia da qual morreu em 1879. Depois, em parte para honrar a memória do seu trabalho para melhorar a cidade de Évora, propôs-se colocar o seu busto no jardim público. O

Jardim Público de Évora, Verão (em cima) e Inverno (em baixo).



modelo final foi baseado no original de gesso encarregado por Francisco Barahona em 1880 ao prestigioso José Simões de Almeida (denominado "o tio"), que foi fundido em 1882 em Lisboa por João Burnay. Situada sobre um pedestal com uma alegoria alusiva à pintura, inaugurou-se em 1884, dedicada "À memória de José Cinatti, Évora agradecida".

A exaltação dos heróis nacionais em 1880: Camões e Vasco da Gama

Desde 1860 a criação dos estados-nação europeus foi impulsionada, fortalecendo a ideia da pátria amparada nos seus heróis e representantes intelectuais. Por isso, em Lisboa, foi inaugurada em 1867 a estátua - realizada por Victor Bastos - de Luís de Camões, encarnando com *Os Lusíadas* o triunfo do sentimento nacional português. Nesse contexto de mobilização nacionalista, em 1880 Évora honrou o tricentenário da morte do poeta copiando a mencionada escultura. No centro da Praça do Giraldo foi erguida uma escultura de Camões de corpo inteiro sobre um pedestal de vários metros. Realizada "em papelão" - provavelmente em cartão - com as chuvas de Junho desapareceu como a arquitetura efémera, ficando apenas registada em fotografias. Mas ainda existe um busto do mesmo escritor, realizado em 1880 para ficar situado "na sala das sessões dos Paços do Concelho". Depois, nesse local, colocaram outro de Vasco da Gama, também enquadrado nesse contexto historicista de exaltação nacional, lembrando a etapa de ouro de conquistas e descobrimentos portugueses, numa época em que Évora albergou grandes figuras da Corte.



Comemorações da morte de Luis de Camões na Praça do Giraldo, José Monteiro Serra, 1880, GPE0326 - Propriedade Grupo Pró-Évora (em depósito no AFCME).



Vasco da Gama (esquerda) e Luís de Camões (direita).

Esculturas escondidas em Évora, 1880-1904

O doutor João Baptista Rollo (1827-1901), médico de profissão e "cirurgião pela escola de Lisboa", foi outro exemplo de pessoa abastada pertencente à burguesia que baseou a sua trajetória no mérito intelectual. Residia em Évora, onde teve uma grande presença em todos os atos de caridade, pois "fundou o recolhimento escola e o asylo de cegos", e "legou para beneficência pública 88.400 Reis", como está escrito no seu sepulcro. Ele próprio encomendou para quando morresse um "jazigo no cemitério desta cidade", pedindo "que tenha merecimento artístico", sendo realizado em mármore de Estremoz por "artistas de Évora, se os houver", o que foi concretizado num jazigo decorado com um medalhão que encerra o seu retrato em alto relevo. Sobre ele ergue-se o "monumento ao Dr. Rolo", composto de alegorias esculpidas em 1902 por José Simões de Almeida - como sabemos pela sua descendente Débora Passos -, que se situa no Cemitério dos Remédios.

Há outras esculturas no depósito do Museu Nacional Frei Manuel do Cenáculo que despertam grande interesse. Uma expressa a típica trajetória de defesa do Liberalismo constitucional, a do parlamentar progressista várias vezes ministro Rodrigo Fonseca Magalhães (1787-1858), realizada por Victor Bastos. A segunda ilustra em mármore o religioso, grande favorecedor da cultura, Frei Manuel do Cenáculo, datada em 1904, da qual também existe um original realizado em gesso.

Esculturas de e para Francisco Barahona, 1890-1908

Francisco José de Barahona (1843-1905) nasceu em Cuba do Alentejo. Era filho de um rico lavrador e tornou-se num empresário de gado milionário, sendo um grande exemplo de trajetória meritocrática. Pessoa culta e formada, ocupou cargos políticos na autarquia de Évora, onde sempre favoreceu as obras públicas para gerar emprego na cidade. Além disso, foi responsável pela renovação dos principais espaços arquitetóni-



Cemitério dos Remédios, "Monumento ao Dr. Rolo".

cos: o seu palácio, a grande avenida, o jardim público e o Teatro Garcia de Resende. Seguia em parte as inquietudes culturais da sua esposa Ignácia Angélica Fernandes, viúva de Dinis Perdigão, dos quais existe uma pintura que imita um alto-relevo no átrio deste Teatro. Todas estas obras foram doadas ao município, pelo que Barahona contou com numerosos defensores.

Desde 1880, Barahona começou a coleccionar bustos e esculturas. Por um lado, as realizadas principalmente por Alberto Nunes (1838-1912), que simbolizavam os políticos e homens da esfera pública que ascenderam pelo seu mérito intelectual, maioritariamente com perfil republicano: Almeida Garrett, João de Deus, José Estêvão Coelho de Magalhães, Antero de Quental, Oliveira Martins, Teixeira Aragão, Bento Sousa, Eça de Queirós ou António Cândido Ribeiro da Costa. Por outro lado, encomendou esculturas naturalistas de alegorias e figuras idealizadas dos



Museu Frei Manuel do Cenáculo, Rodrigo Fonseca Magalhães (esquerda) e Frei Manuel do Cenáculo (direita).

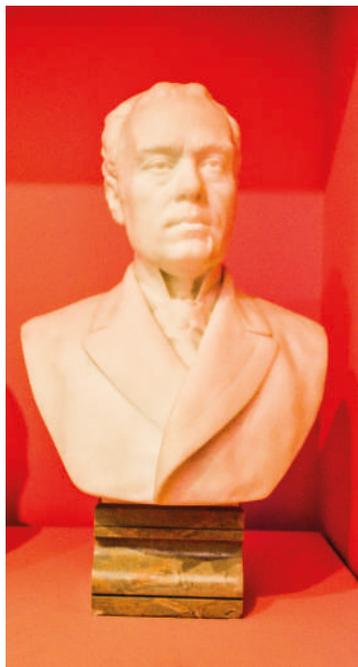
costumes populares realizadas sobretudo por José Simões de Almeida (tio, 1844-1926). Todas elas se encontram no Museu Nacional Frei Manuel do Cenáculo. Esse conjunto compõe a denominada coleção **Barahona**, que deixou como "lembrança e homenagem à cidade d'Évora". Doou também os candeeiros metálicos com forma de esculturas femininas que iluminam a porta da Biblioteca Pública.

Depois da sua morte, foi enaltecido como notável de mérito, mecenas, impulsor da economia e benfeitor do progresso da cidade. Em 1905 foi criada uma comissão para preservar a sua memória. Em 1907 convocou-se um concurso nacional para desenhar o melhor monumento que recordasse a sua figura. Ganhou o arquiteto Alfredo Costa Campos junto com José Simões de Almeida, sobrinho de quem já tinha realizado várias esculturas para o mecenas. Consta de um busto de bronze sobre um pedestal com a figura alegórica da cidade romana, denominada *Ebora*



Museu Frei Manuel do Cenáculo, Eça de Queirós (esquerda) e Antero de Quental (direita).

Liberalitas Julia, com a sua coroa amuralhada na cabeça, carregando uma imagem do mitificado Giraldo Sem Pavor, mercenário que ganhou na Idade Média a cidade para o catolicismo, com a legenda "Évora Reconhecida". No verso, sobre o escudo de armas familiar, estava escrito "Ao Dr. Barahona, por subscrição pública". Foi inaugurada em 1908 no jardim de Schomberg (simbolicamente junto ao templo romano e em frente do Museu Nacional Frei Manuel do Cenáculo à qual doou todas as suas esculturas) com o concerto da banda da Sociedade Filarmónica de Amadores Eborenses que ele próprio tinha promovido.



Museu Frei Manuel do Cenáculo, Almeida Garrett (esquerda) e António Cândido Ribeiro da Costa (direita).



Jardim de Schomberg (atual Jardim Diana), Francisco Barahona.

Esculturas em associações privadas, as grandes desconhecidas, 1900-1930

As associações masculinas privadas foram essenciais para a cultura da Europa do século XIX e XX. Várias de Évora guardam esculturas. A *Sociedade União Eborense* ou *Bota Rasa*, espaço da alta burguesia fundado em 1839, no espólio da extinta *Tertúlia Tauromáquica Alentejana*, conserva três figuras de cerâmica de toureiros a cavalo, sendo uma de Bordalo Pinheiro. A *Sociedade Harmonia Eborense*, fundada em 1849 pela burguesia republicana, contou com quatro bustos do início do século XX, uma de Luís de Camões, já perdida, e as dos escritores Alexandre Herculano, Guerra Junqueiro e Castelo Branco. A *Sociedade Operária e de Recreio Joaquim Antonio de Aguiar* foi fundada em 1900 para defender os interesses dos operários, e guarda um pequeno busto do literato Eça de Queirós, provavelmente realizado mais tarde.

Por último, a descoberta mais importante deste monográfico é a escultura patente no Conservatório Mateus de Aranda (que me foi indicada pela professora Ana Telles). Trata-se de um busto que não estava atribuído a nenhuma personagem ou a um autor concreto, mas diversos dados permitiram-me deduzir a origem. Este edifício pertenceu à Sociedade Filarmónica de Amadores Eborenses, fundada em 1887, protegida e presidida por Francisco Barahona desde o início. Além disso, o busto esteticamente é similar à figura do benemérito, com bigode, vestido com casaco, camisa e laço. Por estes motivos considero que se trata do busto original realizado pelo sobrinho de Simões de Almeida em gesso bronzeado para a escultura de Barahona inaugurada no jardim Schomberg, o que confirmei quando encontrei a assinatura do autor "Almeida (sob)", com a data de 1907.

Colégio Mateus de Aranda (Universidade de Évora), Francisco Barahona.



A face oculta do nacionalismo: esculturas bélicas, 1918-1930

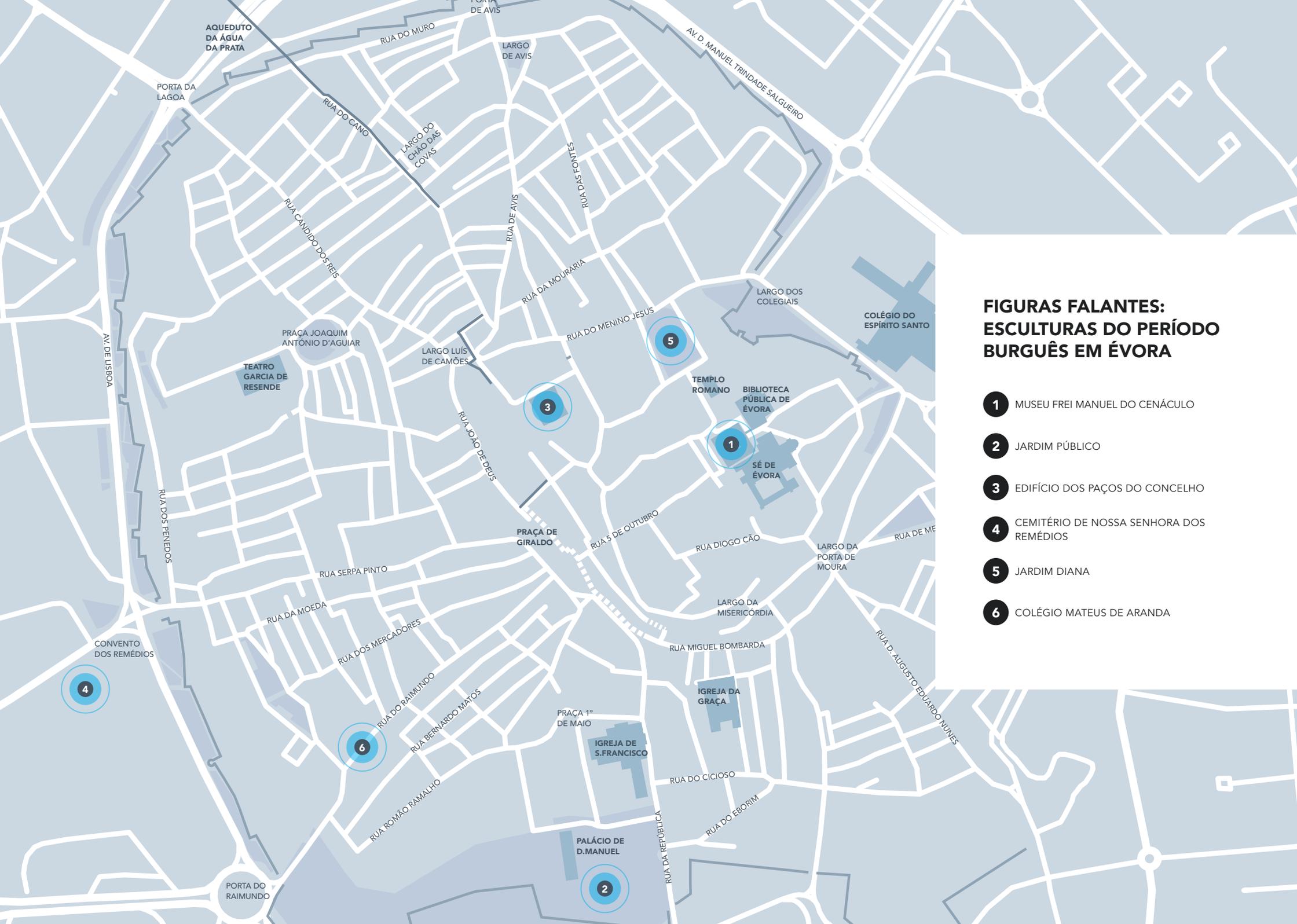
Todas as esculturas realizadas em diversos países da Europa contribuíram para fomentar - com as suas imagens - as ideias da pátria, personificadas por monarcas, intelectuais ou por seus heróis nacionais. Para finalizar o período da construção dos estados-nação, podemos dizer que com as suas exaltações, instigaram ao conflito armado da Primeira Guerra Mundial. Quando terminou, fez-se uma modesta "comemoração pela paz universal, após a guerra dos povos aliados contra a Alemanha", plantando uma oliveira no jardim público em 1919. Depois, foi promovido já a nível nacional, a comissão para criar um "monumento ao combatente", erguido em 1933 no Rossio de São Brás, concretizado numa vitória alada rodeada por obuses que recorda "os filhos que caíram pela pátria" em África.



Jardim Público, Monumento aos Combatentes da Grande Guerra.



Monumento aos Combatentes da Grande Guerra, António Passaporte, c.1940, Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora: APS0244.



FIGURAS FALANTES: ESULTURAS DO PERÍODO BURGUÊS EM ÉVORA

- 1 MUSEU FREI MANUEL DO CENÁCULO
- 2 JARDIM PÚBLICO
- 3 EDIFÍCIO DOS PAÇOS DO CONCELHO
- 4 CEMITÉRIO DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS
- 5 JARDIM DIANA
- 6 COLÉGIO MATEUS DE ARANDA